

## A meio caminho

### QUE DESDOBRAMENTOS ECONÔMICOS PODERÁ TER A CRISE DO GOVERNO ?

Rogério L. Furquim Werneck\*

Denúncias, revelações, escândalo. Mídia monotemática. Congresso alvoroçado. Governo atarantado. Incerteza e paralisia. Nos últimos 15 anos, para não ir mais longe, crises desse tipo passaram a ter no País a recorrência inexorável de furações no Caribe. É até possível que sejam custos inevitáveis do processo de consolidação da democracia brasileira e de amadurecimento das instituições republicanas. Mas a verdade é que a alta probabilidade de eclosão de tais crises tornou-se fator de risco importante, que já não pode ser ignorado em conjecturas acerca do desempenho da economia brasileira. O clima de incerteza das duas últimas semanas não deixa qualquer dúvida quanto a isso.

Em retrospectiva, a impressão que se tem é que, quase sempre, tais crises eclodiram quando a economia estava passando por momentos cruciais. Mas talvez haja explicação mais simples. Na atribulada história dos últimos 15 anos, a economia brasileira parece ter estado quase todo o tempo em momentos cruciais. Seja como for, não há como negar que, desta vez, a crise terá de ser enfrentada em meio a uma travessia delicada e poderá ter desdobramentos econômicos preocupantes.

Não chega a ser novidade lembrar a centralidade da figura de José Dirceu, no PT e no governo. Mas há aspectos dessa centralidade que talvez não estejam merecendo a devida atenção. A brusca mudança do discurso econômico do partido – a assombrosa conversão do PT – foi, em boa medida, a conversão de José Dirceu. É preciso ter em conta que, na campanha das eleições municipais de 2000, quando o partido decidiu promover plebiscito que indagava se as dívidas interna e externa deveriam ser pagas ou não, o deputado José Dirceu, então presidente do partido, entendeu que era uma boa idéia encaminhar ao Congresso proposta de decreto legislativo que oficializava o plebiscito. Ter em mente que isso ocorreu há pouco mais de três anos permite que se perceba com nitidez, não só a extensão e a rapidez da mudança do discurso econômico do PT, mas também a singularidade da trajetória de José Dirceu. Partindo de posição tão extremada, conseguiu bem mais do que mudar seu próprio discurso. Foi o principal condutor do partido nesse *aggiornamento* em marcha forçada, tão difícil e radical.

Vai levar algum tempo até que venha a público, com riqueza de detalhes e de versões, o que efetivamente se passou no núcleo dirigente do PT nos últimos anos. Só então será possível saber como o partido foi capaz de passar por metamorfose tão impressionante e, em tão pouco tempo, assegurar ao País um nível de governança que, meses antes, parecia simplesmente inimaginável. Mas já não há dúvida de que um

fator fundamental do sucesso dessa operação foi a mão de ferro com que o núcleo dirigente conduziu o partido nessa transição, valendo-se da longa tradição de disciplina partidária do PT e da idéia de que a mudança de discurso era fundamental para assegurar a vitória na eleição presidencial. A esta altura dos acontecimentos, é até possível alegar que o pior já passou e que, doravante, talvez já não seja necessária tanta firmeza no controle do partido. Mas o quadro é um tanto mais complexo.

A verdade é que a conversão do PT, por espetacular que possa parecer, ainda está, na melhor das hipóteses, a meio caminho. O que merece atenção não é tanto a compreensível dificuldade da militância com a assimilação das novas idéias do partido, mas o primitivismo populista que ainda marca, por exemplo, o discurso econômico de boa parte do ministério e de vários dos parlamentares mais proeminentes da bancada petista no Congresso. O fato é que ainda parece haver sérias resistências no partido à plena aceitação do discurso econômico do núcleo do governo. Tudo indica que tais resistências só serão atenuadas quando a política econômica puder afinal se traduzir em retomada convincente de crescimento. Até lá, a pergunta crucial é em que medida o núcleo do governo será capaz de evitar que as resistências do partido impeçam que a recuperação da economia se transforme em retomada sustentada do crescimento.

Estar a conversão do PT a meio caminho é o que deixa a economia vulnerável a possíveis desdobramentos da crise. No início do ano não era difícil vislumbrar, com algum otimismo, um cenário de círculo virtuoso com início já em 2004. A recuperação do nível de atividade deixaria o governo ainda mais convicto da necessidade de se manter a consistência da política macroeconômica. E daria força à implementação das medidas de natureza microeconômica, que hoje se fazem necessárias para permitir que a recuperação dê lugar a um processo de crescimento sustentado.

Tal cenário, evidentemente, exigiria do governo firmeza inabalável para resistir às pressões por “flexibilização” da política macroeconômica, na esteira da crescente mobilização da coalizão governista com as eleições municipais do final do ano. Exigiria também disposição redobrada do núcleo do governo para enfrentar os focos de resistência relevantes e desenterrar o avanço da agenda microeconômica. É inevitável constatar que tudo isso parecia bem mais plausível há duas semanas, antes da crise, quando ainda não havia qualquer razão para se imaginar que José Dirceu poderia vir a ficar impedido de continuar exercendo com a mesma desenvoltura o papel fundamental que desempenhou até agora.

---

\* Rogério L. Furquim Werneck, economista, com doutorado pela Universidade Harvard, é professor titular do Departamento de Economia da PUC-Rio.